

Para Chávez somente organização popular pode frear neoliberalismo

Os 650 lugares disponíveis no plenário da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul não abrigavam sequer um décimo dos militantes de movimentos sociais que esperavam pelo presidente venezuelano, Hugo Chávez, ontem em sua visita a Porto Alegre (durante o 3º Fórum Social Mundial).

Depois do presidente venezuelano ter aparecido na sacada do Palácio Piratini ao lado do governador Germano Rigotto, passou meio a um cordão de isolamento de policiais que o conduziu até a porta da Assembléia. Uma coletiva de jornalistas o esperava em uma das salas para uma entrevista coletiva.

Quem ficou do lado de fora teve que presenciar a impaciência dos manifestantes que forçavam a porta e queriam entrar para assistir ao pronunciamento de Chávez que durou cerca de duas horas. Os empurrões de dezenas de militantes para entrar pelo acesso onde estava a polícia de choque fez os policiais usarem o cassetete. O clima estava tenso.

Dentro do plenário o clima era de calma, quase metade dos lugares já estavam ocupados por delegados que não entraram pela porta principal. Mais de uma hora de espera e surge Chávez.

A abertura do evento foi feita pela representante do Comitê de Solidariedade à Venezuela, a deputada Luciana Genro. Em seguida o prefeito de Porto Alegre, João Verle, deu boas-vindas ao presidente Chávez.

Na platéia, trabalhadores do campo da Venezuela, representantes do MST e de partidos de esquerda, aclamavam Chávez a todo instante.

Chávez lembrou que havia sido convidado a vir no 2º FSM, mas que não foi possível devido ao enfrentamento que estava travando contra as oligarquias do país, que há 200 anos estão no poder na Venezuela.

O presidente venezuelano contou ao plenário o processo revolucionário que está acontecendo desde 1989 naquele país, quando a população se rebelou contra o pacote neoliberal imposto pelo FMI. De acordo com Chávez, é necessário retomar a idéia da integração plena dos povos da América Latina e Caribe.

Chávez explicou foi necessária a criação de uma assembléia supraconstitucional, mediante consulta popular favorável com mais de 80% dos votos, para a criação de uma Constituição do Povo. A Constituição “do Povo”, elaborada pelo Governo Chávez vendeu cinco vezes mais do que todas as edições anteriores juntas.

Entre as leis da Constituição elaborada no Governo Chávez está a que proíbe a venda da Estatal Pedreira, a que acaba com os latifúndios, a que obriga a burguesia a pagar os impostos, a que garante crédito bancário aos pobres e a que garante educação gratuita. “Todas as propostas dos Movimentos Populares estão na Constituição do Povo”, afirmou.

“É um povo que decidiu ser livre e vai ser livre”, pronunciou. De acordo há um processo de libertação instaurado em toda a América Latina exemplificado na Venezuela, Brasil e Equador. O êxito dos movimentos sociais, segundo Chávez, depende essencialmente da organização popular.

Fonte: Carolina Coronel/ Imprensa Sindppd-RS

Filósofos dizem que organização popular é a única arma contra o imperialismo

Dentro do principal eixo do 3º Fórum Social Mundial, a Conferência “Contra a Militarização e a Guerra” buscou esclarecer quais são as reais intenções dos Estados Unidos enquanto prepara uma guerra contra o Iraque e ainda porque objetiva militarizar a Amazônia Brasileira.

Para falar desses temas cruciais compuseram a mesa o cineasta Tariq Ali, o intelectual Samir Amin, o filósofo húngaro Istvan Mészáros e a ativista americana Medea Benjamin e o ministro da Justiça Celso Bastos.

Cada um dos integrantes da mesa soube de seu modo dizer que os gastos de vários países, e principalmente os Estados Unidos, não são usados para garantir o essencial de seus povos: a saúde e habitação. De acordo com Medea Benjamin, 40 milhões de americanos não têm acesso gratuito à saúde; além disso, o governo americano gasta bilhões em uma guerra, quando no próprio país pessoas não têm aonde morar.

Para Tariq Ali, nós estamos vivendo num mundo nunca visto antes. “É a primeira vez na humanidade que temos um só império, o que os americanos chamam de assimetria”. Segundo o romancista e autor teatral, o FSM está sendo realizado num continente que está na vanguarda contra o neoliberalismo. “Este continente foi a primeira vítima do império político e militar imposto pelos Estados Unidos, não é à toa que a resistência à esse modelo exista com tanta força aqui”.

O filósofo Istvan Mészáros, que colaborou diretamente com Georg Lukács, disse acreditar que se não existir um movimento radical de massas contra o sistema capitalista, não haverá

futuro para a humanidade. Mészáros parafraseou Rosa Luxemburgo ao afirmar que o extermínio da humanidade é o censo do desenvolvimento destrutivo do capital. “O século à nossa frente deverá ser o século do socialismo ou da barbárie”, ensinou.

Samir Amin, um dos mais prestigiados pensadores marxistas da atualidade, ressaltou que ainda “temos um longo caminho para construir essa alternativa, articulando os movimentos no mundo inteiro”. O também economista egípcio explicou que os americanos escolheram o Oriente Médio para o primeiro combate pela importância petrolífera e também pela proximidade com países estratégicos como China e Rússia, passíveis de um ataque futuro. No Brasil, a lógica é a mesma.

Segundo Amin, a Amazônia é a parte estratégica no território brasileiro e através dessa área, no pensamento americano, seria possível também começar uma guerra contra o Brasil.

O controle do petróleo, para os americanos, significaria também de acordo com Amin, uma guerra contra a própria Europa. “A classe dirigente norte-americana odeia países grandes em população como o Brasil, porque nesses países o povo pode se organizar contra a hegemonia norte-americana”. Amin esclarece que para os americanos não se pode derrotar as políticas da OMC e do FMI sem destruir a política belicista.

O diretor do Fórum do Terceiro Mundo em Dakar (Senegal) e do Fórum Mundial das Alternativas, Samir Amin, disse ainda que a luta contra a implementação da Área de Livre Comércio das Américas é inseparável da luta contra a presença norte-americana no continente.

A Conferência “Contra a Militarização e a Guerra” aconteceu na tarde de sexta-feira, 25 de janeiro no Ginásio Gigantinho.

Fonte: Carolina Coronel/ Imprensa Sindppd

Nasce no FSM, Brasil de Fato: semanário de esquerda de circulação nacional

A previsão se concretizou. Será lançado durante a terceira edição do “Fórum Social Mundial”, o jornal “Brasil de Fato”. A publicação semanal terá 24 páginas e distribuição inicial de 100 mil exemplares por todo o país.

O Comitê Editorial será integrado por 12 representantes dos movimentos que sustentarão o projeto, entre eles, o MST. O comitê, que tem entre seus principais animadores José Arbex, João Pedro Stédile e Emir Sader, por sua vez, estará subordinado às decisões de aproximadamente 80 representantes dos mais diferentes segmentos do Conselho Político, que terá comitês apoiadores em todo o país que trabalhando na captação de recursos, na distribuição e no estímulo à participação de colaboradores.

O novo jornal já está fazendo assinaturas. Informações podem ser obtidas através do e-mail: brasildefato@cidadania.org.br

Fonte: Núcleo Piratininga de Comunicação

Personalidades serão um show

à parte durante o FSM

Escritores, filósofos, dirigentes de entidades de todo o mundo e uma gama de profissionais vão socializar visões e análises para o grande público do 3º Fórum Social Mundial durante as conferências que serão realizadas no Gigantinho de 24 a 27 deste mês. As personalidades serão um show à parte.

Uma das grandes estrelas do 2º FSM estará de volta. O lingüista e escritor Noam Chomsky será um dos debatedores da conferência “Como enfrentar o Império”, na segunda-feira (dia 27) das 16h às 18h. Estarão na mesma conferência o boliviano, Evo Morales, e o indiano, Arundathi Roy.

Marcha “Contra a Militarização e a guerra: um outro mundo é possível” abre Fórum Social Mundial

O 3º Fórum Social Mundial começa na tarde desta quinta-feira (23) com a Marcha de Abertura “Contra a Militarização e a guerra: um outro mundo é possível”.

O Sindppd convida toda a categoria a estar presente no evento organizado pela CUT, MST, partidos de esquerda, movimento estudantil e diversos movimentos sociais.

A concentração para a saída da Marcha se inicia a partir das 17h em frente ao Mercado Público no Largo Glênio Perez. O destino será o Anfiteatro Pôr do Sol.

Estão propostos os seguintes eixos para nortear a marcha: Não ao FMI e OMC; Não à Alca, Plebiscito Oficial Já; Não à Guerra Imperialista; e Pela Paz e Autodeterminação dos Povos.

Na seqüência do FSM, no dia 27, acontece a Marcha contra a Alca que protestará contra o pagamento da dívida externa e entrega da Base de Alcântara. A Marcha, sai do Gigantinho (onde acontecerá um grande debate sobre os temas) e irá até o Largo da Epatur. O Sindppd-RS estará presente durante todo o FSM.

Fonte: Carolina Coronel/ Imprensa Sindppd-RS

Credenciamento para o FSM poderá ser feito nos postos do Comitê Gaúcho

A cinco dias do 3º Fórum Social Mundial, Porto Alegre se prepara para receber cerca de cem mil pessoas de 121 países. Todos os interessados poderão participar das atividades, com exceção dos painéis – restritos aos delegados.

Para se inscrever é necessário preencher o formulário que se encontra no site do evento (www.forumsocialmundial.com.br), pagar uma taxa de R\$ 3,00 e retirar o crachá de participante ou ouvinte. O passo seguinte é imprimir a ficha e levá-la aos locais de credenciamento, em Porto Alegre, entre os dias 21 e 25 de janeiro.

O credenciamento pode ser feito nos postos do Comitê Gaúcho do FSM que estão distribuídos na PUC (entrada do Prédio 40 pela Avenida Ipiranga, 6681), Gigantinho (Avenida Padre Cacique,

891), Usina do Gasômetro (Avenida João Goulart, 551) Largo Glênio Perez (em frente ao Mercado Público), sede do Comitê Gaúcho (Avenida Alberto Bins, 480) e no Comitê Afro que estará com sua banca de credenciamento na entrada do Quilombo (prédio 8 e 9 da PUC).

As atividades do FSM vão desde os grandes painéis e conferências até oficinas, seminários, mesas de diálogo e controvérsia e os testemunhos de personalidades ou grupo de pessoas atuantes na mesma área que tiveram trajetórias exemplares de vida e ação em prol da dignidade e liberdade humana.

O Fórum começa na tarde do dia 23 com a Marcha de Abertura “Contra a Militarização e a guerra: um outro mundo é possível”. A CUT, o MST, partidos de esquerda, o movimento estudantil e diversos movimentos sociais organizam a Marcha que estará concentrada a partir das 16h em frente ao Mercado Público no Largo Glênio Perez. O destino será o Anfiteatro Pôr do Sol.

Fonte: Carolina Coronel – Imprensa Sindppd/RS

Programação simultânea da CUT nos Fóruns

A Central Única dos Trabalhadores está organizando uma programação simultânea para o II Fórum Mundial da Educação e no III Fórum Social Mundial, que será realizada no Portal da CUT e Parceiros, de 19 a 28 de janeiro, ao lado do Gigantinho.

Os focos temáticos da CUT nestas atividades serão quatro: 1- Globalização, Direitos dos Trabalhadores e Organização

Sindical; 2-A Economia Solidária; 3- Formação Sindical e Educação dos Trabalhadores e 4- Sindicalismo, Estado e Sociedade.

Para o Fórum Mundial da Educação – que inicia às 20 horas do dia 19, no Gigantinho – a CUT está preparando diversas oficinas, que iniciam sempre às 14 horas, no Portal. Nestas atividades, entre os assuntos abordados estarão questões relacionadas à formação de trabalhadores; educação popular; democracia e gestão e planejamento. O FME encerra no dia 22.

Já no Fórum Social Mundial, os temas das diversas atividades simultâneas da CUT e Parceiros são 1- Desenvolvimento Sustentável e 2- Economia Solidária e Sindicalismo, Estado e Sociedade. As palestras serão distribuídas nos dois auditórios: o Chico Mendes com capacidade de 400 lugares e o Margarida Aves para 200 pessoas.

As oficinas, serão distribuídas nas cinco salas do Portal, sendo que cada uma tem capacidade para 60 pessoas: Sala 1 – Santo Dias; Sala 2 – Leopoldo; Sala 3 – Paulo Freire; Sala 4 – Terra para Rose e Sala 5 – Zumbi dos Palmares. Confira a programação simultânea da CUT no site www.cut-rs.org.br

Fonte: Informa CUT/RS

Conferências mostram caráter internacional do 3º FSM

As conferências principais da terceira edição do Fórum Social Mundial, que acontece entre os dias 23 e 28 de janeiro, já estão confirmadas.

No dia 24, sexta-feira, às 13h o tema a ser tratado será “Contra a Militarização e a Guerra”, com Tariq Ali, Paquistão (confirmado), Samir Amin (confirmado), István Mészáros, Inglaterra, e Medea Benjamin, Estados Unidos.

Na mesma tarde, às 15h30min os participantes poderão conferir a conferência “Terra, Território e Soberania Alimentar”, com João Pedro Stedile, do Brasil (confirmado); Francisca Rodriguez (Pancha) do Chile (confirmada); e Peter Rosset (confirmado). Às 18h outro grande seminário-debate: “Domínio das Corporações e Crise do Sistema Financeiro Internacional”, com Susan George, da França; Lidy Nacpil, das Filipinas (confirmado); Sergio Cofferati, da Itália (confirmado); e Maude Barlow, do Canadá (confirmado).

Dia 25, sábado acontece outra rodada de conferências. Às 13h, Nawal El-Saadawi, do Egito; Raji Surani (confirmado); e Dennis Brutus tratam dos “Fundamentalismos e Intolerâncias”. A segunda conferência, às 15h30min, reúne uma indiana, um canadense e um português para falar de “Direitos e Diversidade”. Os conferencistas são: Irene Kahn (Bangladesh), Mathie Come (Canadá) e Paulo Vieira, de Portugal (confirmado).

No domingo, 26, as conferências continuam. Às 13h, “Participação e Democracia”, com Boaventura Souza Santos, de Portugal (confirmado); e Marilena Chaui, do Brasil. “Cinema e Política” são os temas da conferência das 15h30min. Os palestrantes deverão ser: Citto Maselli, da Itália (confirmado); Fernando Solanas, da Argentina; Samira Makhmalbaf, do Irã; e Susan Sarandon dos Estados Unidos.

A “Paz e Valores” deverão ser abordados por Leonardo Boff, do Brasil; Eduardo Galeano do Uruguai (confirmado); e Radha Kumar da Índia (confirmado).

Além das conferências, o 3º Fórum Social Mundial contará com oficinas, seminários, palestras, mostras e eventos culturais que neste ano serão desenvolvidos no Gigantinho, nos armazéns

do Cais do Porto, na PUC e no Parque da Harmonia – onde acontece o Acampamento Intercontinental da Juventude.

Fonte: Carolina Coronel/Imprensa Sindppd-RS

Movimento Sindical debate ações do novo governo

A partir de janeiro, o Brasil terá um novo governo. A vitória de Lula foi embalada pela expectativa da mudança do povo e movimentos sociais. As promessas de combate à fome, a pobreza e a desigualdade social, firmadas durante a campanha eleitoral, criam no imaginário popular a possibilidade de um novo país.

O problema do governo Lula será conciliar as declarações de campanha com o cumprimento dos acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Em 2003 devem ser gastos com o pagamento dos juros e amortização da dívida externa cerca de R\$ 150 bilhões.

O Brasil é um dos campeões em desigualdade social no mundo. De acordo com o IBGE, 54 milhões de pessoas são consideradas pobres ou indigentes. Ou seja, um terço da população brasileira vivem com um rendimento inferior a meio salário mínimo (R\$ 100).

A relação que os sindicatos devem ter como o novo governo e os limites e possibilidades de Lula já são motivos para debate entre o conjunto da esquerda e o movimento sindical.

O presidente da Central Única dos Trabalhadores, João Felício, reiterou a posição de autonomia da Central e disse que a Entidade sempre foi contrária à Alca. Acrescentou ainda que “a

CUT não é o governo. Vamos agir de acordo com nossas convicções”. João Felício declarou que durante o Governo Lula, a Central discutirá um plano de recomposição do salário mínimo. De acordo com Felício, a CUT mudou de opinião várias vezes, inclusive sobre o salário mínimo. O que a Central exigia no ano passado era 100 dólares, cerca de trezentos e setenta reais. Hoje a CUT defende a proposta de um salário mínimo de 240 reais.

Na avaliação do membro da Executiva Nacional da CUT, José Maria de Almeida, “a forma como o governo Lula vem se apresentando fica difícil ser otimista. Lula reiterou o compromisso para o pagamento da dívida externa, de manter o respeito ao acordo com o FMI e também às negociações com a Alca”. De acordo com Zé Maria, a Alca significará a recolonização do Brasil, porque o país estará subordinado ao governo dos Estados Unidos. Almeida afirmou que é incoerente a CUT não continuar defendendo o salário de 100 dólares.

Para o presidente da CUT, João Felício, o Brasil só deve negociar com os Estados Unidos, se pertencer a um bloco de países na mesma situação, ser de 3º mundo, assim como no Mercosul. “Somente um país negociando com o FMI não dá certo”. Felício considera que o rompimento imediato com o FMI levaria a economia à falência. “É preciso preparar o país”, declarou.

Já integrante da Executiva Nacional da CUT, José Maria de Almeida, explicou que se as condições geradas no governo FHC forem mantidas, não há como investir na geração de empregos, educação e moradia. “Os recursos são finitos, explica”.

Para Felício, devem ser buscadas alianças para que a dívida externa seja renegociada. “A dívida externa tal como está colocada é impagável”.

Mercado

Desde de a eleição de Lula, os meios de comunicação anunciavam que o presidente do Banco Central deveria estar de acordo com

os fundamentos do mercado. Aconteceu. O presidente do Banco Central é Henrique Meirelles, ex-presidente mundial do Bank Boston e deputado federal eleito pelo PSDB de Goiás. Uma mostra do que os banqueiros e grandes empresários ganham neste país são os balanços apresentados. Neste ano de janeiro a setembro, os bancos estrangeiros lucraram R\$ 7,643 bilhões, quase metade do rendimento de todo o sistema financeiro. Os bancos estatais não ficaram para trás, tiveram o resultado esperado depois do pacote de ajuda dado em junho de 2001.

Na opinião de Zé Maria, os recursos que o país tem hoje que poderiam ser usados para gerar emprego e dar condições de vida à população são encaminhados para o pagamento dos juros da dívida, para os banqueiros e os grandes empresários. Isso explicaria o redirecionamento para os bancos de recursos que poderiam ser usados para o melhoramento das condições de vida da população.

Fonte: Carolina Coronel/ Imprensa Sindppd-RS

Governo Lula pretende reformar estrutura sindical

Os sindicatos devem passar por profundas transformações durante o próximo governo. A CUT, de acordo com as afirmações que o presidente da Central, João Felício, já está preparada inclusive com um projeto.

A maioria dos sindicatos é sustentada de três formas. A primeira seria a contribuição sindical que equivaleria a um dia de trabalho dos associados. Dessa contribuição, 60% seria repassado ao sindicato, 20% para a federação e 20% para o Ministério do Trabalho. A segunda fonte seria a contribuição assistencial cobrada na ocasião da data-base da categoria

mediante aprovação dos empregados em assembléia. Os sindicatos também sobrevivem com a mensalidade paga pelos sócios.

As modificações que os sindicatos vierem a sofrer estão incluídas na reforma sindical, um dos pontos do programa de governo de Luís Inácio Lula da Silva.

Para o economista do Dieese – RS, Ricardo Franzói, no próximo ano os sindicatos terão uma vida dura. “A alta taxa de desemprego somada a aceleração da inflação serão os desafios dos sindicatos. As representações dos trabalhadores terão que tentar recuperar o poder de compra de suas categorias que deve cair muito com o aumento da inflação”.

O economista afirma que a maioria dos sindicatos não se preparou para discutir que formas irão assumir as entidades durante a reforma.

A primeira reforma que deverá ser implementada pelo Governo Lula é a tributária. A previdenciária, a política, a estrutura agrária e as normas trabalhistas também passarão por reestruturações.

Fonte: Carolina Coronel/ Imprensa Sindppd-RS